



## POR UMA DECOLONIZAÇÃO EPISTÊMICO-LITERÁRIA: A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DA LITERATURA INDÍGENA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA<sup>1</sup>

  10.56238/costssbernovasper-005

**Ricardo Valim**

Lattes: 3074004049762932

ORCID: 0000-0002-7790-6148

Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR)  
Professor de Filosofia do IFRO Câmpus Porto Velho Calama, Porto Velho, Rondônia, Brasil  
E-mail: ricardo.vallim@ifro.edu.br

**Leno Francisco Danner**

Lattes: 1932068015929218

ORCID: 0000-0002-2332-3182

Doutor em Filosofia (PUCRS)

Professor de teoria política contemporânea no Departamento de Filosofia e no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

### RESUMO

O presente trabalho objetivou analisar a importância do ensino decolonizador da literatura indígena brasileira contemporânea na difusão e defesa das culturas originárias marcadas pela base epistêmico-ancestral da tradição oral. A passagem da oralidade para a literatura, feita por escritores indígenas, revela voz-práxis-política em defesa das culturas originárias, na preservação das tradições, na proteção da natureza e na preocupação com a possibilidade de aniquilamento da humanidade pela falta de cuidado com o meio ambiente. A metodologia é pesquisa teórica apoiada na leitura e análise das obras de autores indígenas como: Ailton Krenak (2019) e Davi Kopenawa (2015), conta ainda com o estudo do pesquisador: Leno Francisco Danner (2020). Conclui-se que os ensinamentos da tradição oral encontram espaço na literatura atualizando e disseminando seus saberes produzindo engajamento social, visando transformação de corações e mentes proporcionado pela fixação da palavra falada e escrita na sociedade brasileira contemporânea sobre as questões indígenas.

**Palavras-chave:** Decolonização, Ensino, Literatura, Indígena, Contemporânea.

### 1 INTRODUÇÃO

Ao longo de milênios a humanidade foi responsável por criar, desenvolver e aprimorar a escrita para preservar seus saberes, compartilhá-los com os demais e levar informações aonde quer que existam interessados. Essa mesma técnica foi utilizada para fazer registros de suas comunicações divinas e contar histórias baseadas ou não em fatos reais. Não importa qual o conteúdo a palavra escrita permite o registro de uma época e sua leitura produz ou não influências por sobre as pessoas.

É de conhecimento que os povos originários brasileiros possuem uma tradição oral, ou seja, não foi desenvolvido por estes coletivos a escrita propriamente dita. No entanto, sua sabedoria,

<sup>1</sup> Texto originalmente comunicado e publicado nos ANAIS do 13º Seminário do Grupo de Pesquisa Literatura e Vida: Ações Criadoras e Reflexões sobre a Pandemia de 16 a 19 de Novembro de 2022.

ensinamentos, tradições e tantos outros elementos constitutivos para a cultura destes povos foi preservada nos vastos espaços da memória dos povos originários. Lá eles preservam sua reserva de sentido e transmitem às gerações seguintes mantendo viva toda gama de ensinamentos que dão sentido às suas existências.

Com o fenômeno da modernidade esses saberes foram ocultados e negligenciados porque basicamente não atendiam às demandas hegemônicas de um modelo de pensamento que em sua pretensão de universalidade visa se sobrepôr aos demais conhecimentos tidos como provenientes de culturas selvagens e inferiores. Esse *modus operandi* fica explícito sobretudo no período das grandes navegações quando os europeus começam a avançar para os vastos oceanos à procura de riquezas, aventuras e glórias ainda em vida. Com eles e suas tecnologias também levaram seu orgulho nacionalista e seu sentimento de superioridade que ao se deparar com os povos originários de várias partes do mundo, e aqui em nosso recorte das populações indígenas brasileiras, gerou conflitos epistêmicos.

Suas histórias, sua religião, sua medicina, sua filosofia passa a ter outros contornos aos olhos dos europeus no sentido de que não passam de mitologia, de histórias fantasiosas e de toda sorte de credices não testadas empiricamente. Esse descrédito para com esses ensinamentos antigos gerou mais desconfiança do que propriamente admiração e interesse em compartilhar saberes. Seus efeitos estão profundamente enraizados em nossa cultura que caminha a passos lentos, mas continua caminhando, em busca de aprofundamento nestes saberes outros.

Com o advento do Movimento Indígena brasileiro na segunda metade do século XX fica evidente uma mudança de postura dos povos originários que em busca pela defesa de seus interesses e muitas vezes de seu direito à vida mesmo, se unem para lutar por suas existências. Com esse movimento trouxe para a sociedade um coletivo de vozes que até então eram desconhecidas. Pairava ainda uma mentalidade romântica do século XVI de indígenas como sendo bons ou maus selvagens a depender do contexto. Essa mentalidade retrógrada aos poucos vai perdendo espaço e cedendo lugar a uma compreensão mais humana, filosófica e profunda do ser humano indígena.

Pois bem, com esse movimento se desencadeou o desenvolvimento de uma consciência crítica e profunda que agora vemos sistematizada a partir das obras dos autores indígenas brasileiros contemporâneos. Suas obras resultam de suas experiências existenciais e que agora por via da palavra escrita são sistematizadas podem agora se manifestar em outros espaços ampliando assim seus horizontes de atuação.

Em relação ao estado da arte, nota-se um crescimento da produção bibliográfica-intelectual indígena brasileira contemporânea. Autores prolíficos como Ailton Krenak, Daniel Munduruku, Davi Kopenawa, Kaká Werá Jecupé (só para citar alguns) estão despontando como grandes nomes da

produção literária intelectual brasileira. Além destes autores indígenas, podemos citar ainda intelectuais acadêmicos como o Prof. Dr. Leno Francisco Danner da Fundação Universidade Federal de Rondônia/UNIR e o Prof. Dr. Marco Antonio Valentim da Universidade Federal do Paraná/UFPR que através de seus estudos têm demonstrando a atualidade, pertinência, profundidade, beleza e riqueza destas tradições ancestrais para a sociedade de um modo geral e também para a filosofia.

Este artigo é componente dos estudos realizados até o presente momento em minha pesquisa sobre filosofia indígena com o tema “Ontologia e Ética no Pensamento Indígena Brasileiro: Análise das Ontologias Tupi-Guarani e Yanomami” no Mestrado Acadêmico em Filosofia, na Linha de Pesquisa em Ética e Filosofia Política Contemporânea da Fundação Universidade Federal de Rondônia/UNIR e devidamente institucionalizado junto ao Departamento de Pesquisa, Inovação e Pós-Graduação (DEPESP) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia - IFRO *Campus* Porto Velho Calama - conforme a homologação 4 do Edital Nº 02/2022/PVCAL - CGAB/IFRO, de 12 de Janeiro de 2022 - edital este de seleção, sem concessão de recursos financeiros e bolsas, destinado à institucionalização de projetos de pesquisa de demanda espontânea, de mestrado, doutorado e projetos aprovados em editais externos com recurso de agências de fomento.

## 2 O PENSAMENTO REFLEXIVO LITERÁRIO INDÍGENA

É difícil abarcar com palavras a profundidade que emana da literatura indígena, mas é possível analisar e destacar algumas que certamente podem passar despercebidas a um olhar incauto. Neste sentido destacamos cinco principais características da literatura indígena brasileira contemporânea.

A primeira característica que se pode destacar em relação à literatura indígena brasileira contemporânea é a sua voz-práxis. Este é um conceito abordado nos escritos dos professores da Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR) Leno Francisco Danner, Fernando Danner e por Julie Dorrico Doutora em Teoria da Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

Aqui, por meio da voz-práxis estético-literária, o eu-nós lírico-político adquire carnalidade e vinculação, isto é, a própria vítima, ligada a uma comunidade político-cultural, dela dependente e afirmadora, fala e age em primeira pessoa, sem mediações científicas e representações institucionalistas, condição fundamental da crítica social e da emancipação política (DANNER, F; DANNER, L. 2020, p. 209).

Esse conceito é importante porque ele traduz um movimento muito peculiar que ocorre com a literatura indígena brasileira contemporânea. Esse momento é percebido na perspectiva de uma literatura comprometida com a luta pelos direitos dos povos indígenas brasileiros. Não se trata apenas de uma criação literária, mas sim de uma produção que desperta engajamento, sua epistemologia leva

seus leitores a refletir mais profundamente sobre as mais variadas questões sociais, sobretudo, no campo das artes, do cuidado com o meio ambiente e no sentido de respeito e valorização das tradições dos povos originários.

A voz-práxis literária indígena permite a todo aquele que se utilizar de seus saberes ali expostos um aprofundamento sobre o que de fato é a cultura dos povos originários brasileiros. Porque uma coisa é o que durante muito tempo as nossas instituições educacionais, especialistas e tantos outros que disseram que os povos indígenas eram, outra coisa bem diferente é a concepção própria de ser indígena que estes povos têm de si mesmos.

A descolonização africana e o pensamento indígena brasileiro apontam exatamente para a Europa, sob a forma da tríade eurocentrismo-colonialismo-racismo e/ou fascismo, enquanto a plataforma e a dinâmica desde as quais os povos negros e indígenas ou foram submetidos a uma situação de instrumentalização e de etnocídio planejados, ou simplesmente foram encerrados nas cadeias da raça, imobilizados, ossificados e travados no espaço e no tempo históricos, tendo negadas suas formas de ser e estar no fundo e sendo impedidos de experienciar-se como seres humanos. (DANNER, F; DANNER, L. 2021, 187).

Através de seus escritos surge uma segunda característica ligada a primeira que é o senso identitário. Esse senso identitário se manifesta na forma mesma que os autores indígenas se identificam nas suas obras: Ailton Krenak se chama assim porque pertence ao povo Krenak, da mesma forma Daniel Munduruku, Álvaro Tukano e tantos outros que poderíamos citar. Esse fato é importante porque apresenta um outro horizonte que transcende a falácia generalista que existe e que coloca e classifica todos os povos indígenas com a alcunha de índio. Podemos então concordar com Ailton Krenak quando afirma que:

E o outro desconforto era me identificar como índio, porque índio é um erro de português, plagiando Oswald, que disse que, quando o português chegou no Brasil, estava uma baita chuva, aí ele vestiu o índio, mas, se estivesse num dia de sol, o índio teria vestido o português, e estaria todo mundo andando pelado por aí. Isso continua valendo até hoje, e eu atualizei dizendo que o índio é um equívoco do português, não um erro, porque o português saiu para ir para a Índia. Mas ele perdeu a pista e veio bater aqui nas terras tropicais de Pindorama, viu os transeuntes da praia e acabou carimbando de índios. *Aquele carimbo errado, equívoco, ficou valendo para o resto das nossas relações até hoje*, e a resposta para uma pergunta tão direta e simples poderia ser tão direta e simples quanto. Quando foi que eu atinei que eu tinha que fazer essas coisas que ando fazendo nos últimos 50 anos da minha vida, que é quase que repetir o mesmo mantra, dizendo para esse outro: ‘ô, cara, essa figura que você está vendo no espelho não sou eu não, é você, esse espelhinho que você está me vendendo não sou eu, isso é um equívoco!’? E saí do sentimento para a prática na pista dos meus parentes mais velhos do que eu, que estavam sendo despachados da zona rural para as periferias miseráveis do Brasil, o que acontece em qualquer canto, no Norte, no Sul, em qualquer lugar. (KRENAK, 2015, p. 239).

Ailton Krenak esboça em sua fala as marcas profundas que um modo de pensar que até então considerado superior ficou impregnado nos corações e mentes de nossa sociedade. Essa capacidade de refletir sobre a própria existência e papel social não é uma exclusividade somente da literatura de

Ailton Krenak, outros autores indígenas também têm debatido estas questões existenciais. O ser, a essência, a existência desses povos são temas abordados por via de uma poética singular oriunda do pensamento indígena. Sua ligação com o cosmos permite este olhar cuidadoso e despretensioso por sobre a realidade. Ailton expõe de forma cômica uma tragédia clássica que é a perda de identidade que os povos originários foram submetidos ao longo do tempo. A cada rótulo é um passo dado mais distante da compreensão real de quem verdadeiramente são estes povos. Faz-se então necessária uma mudança de paradigmas que permita uma aproximação mais do que física, mas epistêmica mesmo destes saberes ancestrais presentes nas culturas originárias.

A literatura indígena mostra essa capacidade que seus autores têm de pensar e refletir sobre suas próprias condições de seres humanos numa conjuntura social temporal e atemporal na medida em que lida também com aspectos transcendentais relativos às expressões religiosas e filosóficas.

### 3 A LITERATURA INDÍGENA COMO ESPAÇO DIALÓGICO-FILOSÓFICO

A literatura tornou-se palco de variados espaços de compartilhamento de saberes. Na verdade, nota-se que grupos minoritários e dentre eles os povos indígenas têm se apropriado para de fato requerer o que é de direito. A linguagem torna-se um espaço rico de troca de saberes que na sua extensão revela outros brasis dentro de nosso Brasil. A riqueza dessa variedade de culturas revela uma fonte importante de saberes que podem ser explorados enriquecendo a sociedade.

A riqueza cultural está na sua variedade de formas e como elas se comunicam no espaço e no tempo. A figura romântica do Índio como sendo aquele ser habitante das matas e que não é dado ao trabalho ou que não é capaz de adquirir uma cultura mais ampla do que a sua mesmo essa concepção deve permanecer no passado porque atesta nossa ingenuidade perante a grandeza que é a vida indígena em toda a sua extensão. Pois bem, neste espaço literário é que se encontra um terreno fértil para a superação de antigos mitos e o desenvolvimento de uma consciência crítica mais profunda sobre a mesma temática. No campo das ideias lutas vêm sendo travadas para assegurar os direitos dos povos indígenas, suas identidades de seres humanos e suas culturas também vem sendo potencializadas. Demarcados esses espaços as reservas indígenas de ideias produzem saberes, trazem informação, compartilham perspectivas para atitudes práticas que possibilitam a transformação não somente de si mesmos, mas de toda a sociedade.

Pensar a realidade a partir da ótica indígena permite um descentramento epistêmico muito importante na medida em que são valorizados os saberes filosóficos dos povos originários. Sua concepção de mundo e de ser humano são indispensáveis para cultivar o respeito ético não somente entre seres humanos, mas também em relação aos demais seres da criação. Essa ótica diversificada não é exclusiva de apenas uma etnia, mas cada povo em sua concepção de mundo e de ser humano

presta o grande serviço de trazer aos palcos da reflexão os sinais de alerta para o cuidado e o respeito que todos merecem.

Essa voz que brota das florestas e que é encarnada em papel ou nos mais variados dispositivos de comunicação social tem conduzido a atenção para situações que carecem de atenção como questões ambientais, raciais, de gênero e até mesmo de ideologia.

Com base na sua tradição comunitária, o indígena pode de modo aberto argumentar publicamente em torno ao sentido metafísico, normativo e político da terra, da natureza, do humano, inclusive apontar para a existência da diversidade paradigmática que constitui e que perpassa nossas interpretações sobre nosso lugar no mundo e frente aos outros e sobre o modo como podemos abordá-los, relacionarmos-nos com eles (DANNER, L. F.; DORRICO, J.; DANNER, F. 2020, p. 251).

Esse aspecto tem sua importância para pensar a realidade que em constante transformação tem despertado dilemas éticos profundos. A cada tempo, a cada geração novas questões surgem e se faz necessário pensar em respostas adequadas para que de fato uma transformação aconteça. Neste sentido os povos originários tem muito a nos ensinar pela sua capacidade de olhar com profundidade e expor seus saberes. Mas isso não foi algo tão fácil ou que tenha acontecido da noite para o dia.

Desde os anos setenta os povos originários em nosso país vêm se organizando de diferentes formas e buscando reconhecimento para que possam seguir suas vidas com dignidade. Uma luta que vem se transformando e se aprimorando de forma peculiar para levar seus saberes a estes novos espaços. Essa transformação é importante para ter uma linguagem sempre atualizada com o contexto histórico que se pretende inserir. Numa linguagem digital as jovens gerações de indígenas têm se manifestado com destreza na condução de temáticas sobre a identidade dos indígenas no século XXI e os problemas por eles enfrentados. As novas gerações se colocam não como distantes e alheias aos meios de comunicação, mas fazem uso destes espaços para contribuir deixando sua marca própria. O receio de que as culturas originárias estariam ameaçadas pela influência da tecnologia provou-se em parte um equívoco já que estes jovens indígenas têm mostrado sua força na condução das temáticas como verdadeiros representantes de seu povo.

Essa dinâmica empreendida pela juventude dos povos originários é importante para se impor diante de uma mentalidade eurocêntrica que desconsidera os saberes outros provenientes de espaços que não fazem parte de um contexto normativo eurocêntrico.

[...] negros e indígenas não têm nenhum lugar e não desempenham nenhum papel na constituição de um discurso filosófico-sociológico-antropológico da modernidade europeia por si mesma e desde si mesma, e a razão para isso aparece-nos muito clara nos textos dos autores acima referidos, a saber: a assunção do dualismo antropológico entre modernidade e o outro da modernidade. A modernidade é entendida como racionalização e, portanto, como sociedade-cultura-consciência pós-tradicional, não-etnocêntrica e não-egocêntrica; o outro da modernidade (todos os outros da modernidade), como mitologia e, assim, como

tradicionalismo em geral, contextualista, dogmático e fundamentalista (DANNER, F; DANNER, L. 2021, p. 156-157).

Essa concepção moderna que desconsidera a possibilidade de contributo de outros povos na constituição de saberes racionais prova-se infundada perante a atitude, como já mencionada, dos povos originários no engajamento constante nos mais diversos meios de comunicação e dentre eles a literatura como forma de expor seus saberes e opiniões. Como então não poderiam estes seres humanos contribuir racionalmente na constituição dos saberes se estão conectados e produzindo saberes.

A subalternização destes saberes empobrece a compreensão de mundo que tenderia naturalmente a ser muito mais rica se fosse considerada. A modernidade que se propunha como chave para resolver os dilemas da humanidade na verdade provou-se insuficiente e neste sentido fracassou em seu propósito sobretudo no contato com os povos originários que relativamente se posicionaram diante da exploração operada pelos colonizadores. Seu protagonismo tem sido essencial para a derrocada do imperialismo cognitivo que se propunha como legitimador e fonte dos saberes e sobretudo, a superação de uma concepção antropológica que concebe os povos originários como apenas condição pré-moderna do ser humano. Mas este não é um discurso do século passado, mas sim, algo atual que é esboçado largamente na obra de um dos filósofos da segunda geração da Escola de Frankfurt, Jürgen Habermas:

Para entender o significado dessa pretensão de universalidade, recomenda-se fazer uma comparação com a compreensão de mundo mítica. Em sociedades arcaicas, os mitos cumprem de maneira exemplar a função unificadora própria às imagens do mundo. Ao mesmo tempo, no âmbito das tradições culturais a que temos acesso, eles proporcionam o maior contraste em relação à compreensão de mundo dominante em sociedades modernas. Imagens de mundo míticas estão muito longe de nos possibilitar orientações racionais para a ação, no sentido que as entendemos. No que diz respeito às condições de condução racional da vida no sentido anteriormente apontado constituem até mesmo uma contraposição à compreensão de mundo moderno. (HABERMAS, 2012, p. 94).

Claramente o pensamento do filósofo se direciona a este aspecto contundente de que existem critérios legitimadores segundo a perspectiva do que se considera como forma e fonte de saber e que povos que vivem em uma perspectiva diferente ainda não podem acessar diretamente devido a suposta fragilidade de sua condição. Sua condição existencial é apenas de mero contraponto do que realmente é desejável segundo a concepção moderna que se mostra superior em detrimento dessa negatividade que são os saberes dos povos originários considerados como formas míticas de concepção de mundo. Nestes termos é colocada uma barreira intransponível de critérios para que os saberes originários possam vir a superar e assim serem dignos de serem considerados de fato como um saber legitimado. Mas essa ótica é falha à medida que percebemos que no contexto dos povos originários existe todo

um corpo de preceitos e perspectivas próprias que asseguram a estes povos sua própria interpretação de mundo e sua reflexão sobre o mesmo. Reconhecer estes saberes demanda uma dinâmica de entendimento e humildade epistêmica perante saberes outros que não pertencem àquela realidade científica que foi ao longo de séculos desenvolvida na europa.

Em se tratando de reconhecimento de outros saberes, pensemos por exemplo no que se refere ao campo da filosofia. Desenvolvida na europa este modelo de busca pela sabedoria ao longo de milênios desde os gregos se mostrou fértil em sua consistência de sistemas filosóficos como os personalistas, existencialistas ou escapando um pouco das europa e caminhando para os Estados Unidos o sistema pragmatista. Mas pode-se afirmar que de fato a filosofia tem suas raízes bem profundas na busca pela sabedoria e foi ainda mais influenciada pela presença do cristianismo que afirma conhecer a verdade absoluta que é o próprio Jesus de Nazaré. Pode-se concordar com o Enrique Dussel (1993) ao fazer um balanço geral de seus estudos referentes à influência dos processos coloniais:

Tudo o que foi dito é apenas uma introdução histórico-filosófica ao tema do diálogo entre culturas (entre projetos ou teorias políticos, econômicos, teológicos, epistemológicos, etc.), para construir não uma universalidade abstrata mas uma mundialidade analógica e concreta, onde todas as culturas, filosofias, teologias possam contribuir com algo próprio, como riqueza da humanidade plural futura (DUSSEL, 1993, p. 173).

Enrique Dussel expõe um projeto otimista de futuro em que a humanidade será constituída de um novo *modus operandi* perante circunstâncias sensíveis como é o caso dos aspectos decoloniais abordados nesta pesquisa e a tantos outros estudos que justamente dentro de suas construções estabelecem novas possibilidades de se pensar o outro por vias da alteridade e do resgate de sua dignidade de pessoa humana. Mas é necessária a insistência para o desenvolvimento de uma humildade epistêmica perante o tema dos povos originários porque são suas tradições espaços de compreensão de mundo únicas em suas especificidades e que traduzem através da fixação via a palavra escrita dimensões mais profundas do ser humano e sua vivência com a realidade.

Entretanto, quando temos acesso à sabedoria ancestral dos povos originários e aqui podemos citar o caso dos Yanomami, passamos a entender que existe uma dinâmica peculiar de busca pela sabedoria que é distinta da desenvolvida pelos gregos. Vejamos por exemplo o que nos diz Davi Kopenawa (2015) sobre os aspectos relativos a busca pela sabedoria:

Sem o poder da yãkoana as pessoas não se perguntam sobre as coisas do primeiro tempo. Nunca pensam: “Quem eram mesmo nossos ancestrais que viraram animais? Como foi que o céu caiu antigamente? De que modo Omama criou a floresta? O que dizem mesmo os cantos e as palavras dos xapiri?”. Ao contrário, quando bebemos o pó de yãkoana como Omama nos ensinou a fazer, nossos pensamentos nunca ficam ociosos. Podem crescer, caminhar e se multiplicar ao longe, em todas as direções. Para nós, é esse o verdadeiro modo de conseguir sabedoria. (KOPENAWA, 2015, p. 510).

Davi Kopenawa traz para o palco da reflexão um dado muito importante em que revela seu método de busca pela sabedoria que difere da dinâmica eurocentrada. Na verdade, o conhecimento passa por uma esfera que requer elementos de imersão que em sua essência possuem uma reserva de sentido própria e que minimamente merece ser respeitada por ser uma construção que remete a tempos imemoriais. Lembremo-nos da citação retro do filósofo alemão Jürgen Habermas que entende que essas formas de pensamento não contribuem efetivamente para a constituição da racionalidade ocidental. Como pode o pensamento originário não contribuir efetivamente se temos toda uma produção epistêmico-literária que expressa um caráter crítico, dinâmico, filosófico profundo na medida em que pensa as relações humanas e da humanidade com o meio ambiente? De fato, se faz necessário uma mudança de paradigmas que leve a consideração destes saberes outros como indispensáveis para avançar frente a realidade que não deve ser limitada por considerações que se colocam como centro que emana toda a verdade.

#### 4 A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DA LITERATURA INDÍGENA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Antes de iniciar a reflexão efetiva sobre a importância do ensino da literatura indígena brasileira contemporânea faz-se necessário lembrar que existe a Lei Nº 11.645 de 10 de março de 2008 que prevê o estudo da história, da cultura tanto negra quanto indígena para formação da identidade social nacional fazendo um resgate dessas mesmas contribuições em vários campos do desenvolvimento nacional.

Uma democracia não pode sobreviver silenciando, negando ou deslegitimando suas fraturas, suas contradições, suas irracionalidades, como se elas não existissem, como se fossem um produto do passado sem qualquer resquício ou respingo no presente. É preciso reinterpretar criticamente o passado e pluralizar os sujeitos e as histórias sobre o presente. No mesmo diapasão, a crítica da modernidade, muito em voga hoje, não pode centrar-se apenas no discurso teórico-político euronocêntrico sobre a própria capacidade de a modernidade corrigir-se internamente por si mesma e desde si mesma. É preciso que as vítimas da colonização falem. Suas histórias, suas experiências, suas práticas e seus valores são fundamentais na democracia. Sua voz-práxis é insubstituível no processo de maturação de nossa história nacional, inclusive para a correção da modernidade de um modo mais geral. Sem o lugar de fala das minorias aproximamo-nos perigosamente do fascismo (DANNER, L. F.; DORRICO, J.; DANNER, F. 2020, p. 72).

Essa lei é importante porque traz em suas linhas a possibilidade do desenvolvimento e do aprendizado destes povos originários para o seio da sociedade. Discutir outras possibilidades de compreender a realidade permite ao ser humano uma visão mais integral da situação temporal em que se situa na história.

Através dessa literatura é possível descobrir outras epistemologias, ou seja, outras formas de conhecimento que foram desconsideradas durante os processos coloniais que se sucederam ao longo do tempo. A literatura indígena dentro de seu corpo ético chama a atenção da sociedade brasileira sobre o que estamos fazendo de nossa casa comum, no sentido de que estamos destruindo um meio ambiente que a nossa própria morada e que permite que continuemos vivos.

Os escritos destes autores refletem sobre suas origens, suas histórias e as tradições que lhes conferem sentido às suas próprias existências, mas que permite a todo aquele que não faz parte daquela cultura pensar a si mesmo e o modo como está vivendo consigo mesmo e em sociedade. Deste modo aberto para esta nova dinâmica reflexiva todas as pessoas desde que abertas para isso podem parar e pensar a si mesmas, suas condutas e sobretudo o sentido de suas existências se está ou não em conexão com um desenvolvimento sustentável.

Nesse sentido, dada sua estrutura anti-paradigmática, anti-institucionalista e anti-cientificista, a literatura é, por excelência, a voz-práxis das alteridades, das minorias, dos marginalizados, deles mesmos e por eles mesmos, a partir de si mesmos. Aqui, essa qualificação “anti-paradigmática” significa, para o caso do campo e da práxis literários, a ausência de qualquer base epistemológico-ontológica unívoca e unidimensional como garantia da objetividade e do sentido, o que significa que, na literatura e por meio dela, estamos irremediavelmente condenados, parafraseando Jean-Paul Sartre, a desenvolver nossa voz-práxis ao nosso modo e desde nossa perspectiva, sem necessidade de nos escorarmos em qualquer fundamento normativo extemporâneo a nós mesmos, que somos sujeitos (no sentido individual e coletivo-plural) localizados e contextualizados (DANNER, L. F.; DORRICO, J.;DANNER, F. 2020, p. 362).

Neste sentido, a importância dessa literatura fica evidente ao passo que a mesma se coloca fora do quadro majoritariamente tradicional no sentido de ser o pensamento ocidentalizado a única forma de ser e de pensar a realidade a partir dos paradigmas epistêmicos normativos provincianos do eurocentrismo. São exploradas outras possibilidades de compreensão de mundo para além de um único foco temático que tende a ser generalista e pretensiosamente fonte de outros saberes.

Assim a literatura indígena torna-se uma importante ferramenta para os povos originários como forma de lançarem mão de uma crítica social, mas também ao mesmo tempo de se auto afirmarem enquanto sujeitos do presente.

[...] a literatura indígena (e as produções artísticas indígenas de um modo mais geral) constitui-se, legitima-se e dinamiza-se em um movimento que vai da afirmação da tradição à (e como) crítica do presente, em que a situação de periferização, exclusão e subalternidade é reelaborada exatamente por meio da assunção e da utilização das próprias bases antropológicas e comunitárias e dos próprios instrumentos simbólico-normativos ali fundados como práxis política e politizante para a crítica social [...] (DANNER, L. F.; DORRICO, J.;DANNER, F. 2020, p. 232).

Fazendo uso de sua capacidade de auto referenciação os povos originários podem explorar condições de reflexão que de fato venha a fazer sentido para suas existências porque justamente fala das coisas

vividas e experienciadas por eles mesmos. Esse fator assegura a responsabilidade de transmissão dos saberes e a consequente mudança que dela provém.

Os povos originários tem um cuidado muito grande com relação às suas tradições que remontam desde tempos imemoriais. Este cuidado é importante para este povo justamente porque é nestas tradições que os povos originários encontram o sentido último para suas existências. De fato existe a necessidade de imersão na cultura ocidental mas isso deve ser feito sem perder de vista o elemento essencial que é justamente as tradições originárias.

Atingir o alto grau de instrução do branco é muito importante para qualquer povo. Mas, por outro lado, quando um doutor índio não sabe de nada da sabedoria indígena, podemos dizer que ele não vale nada. Alguns não sabem dançar, caçar, pescar, nem tem o saber dos curandeiros. Ainda mais, têm vergonha de seu próprio povo. Isso é muito perigoso. Temos que pensar mais nisso, não ter vaidade. Vamos pensar no futuro de nossos filhos que, se não lhes transmitirmos as nossas sabedorias, irão sofrer por causa de nosso erro. Não coloco isso para os Terena, mas para todos os índios que estudaram muito e que perderam a força espiritual e encontram dificuldades culturais quando querem se expressar como índios. O que precisamos é registrar todos os saberes dos mais velhos. Para isso é preciso chamar os líderes que gostam de registrar suas experiências e transcrever as histórias de nossos antepassados em cadernos de apontamentos, assim como gravar as nossas cerimônias. (TUKANO, 2014, p. 118-119).

Podemos perceber que no plano ideal o intelectual indígena brasileiro contemporâneo deve sim ter contato com a sociedade, mas sempre mantendo contato com as suas tradições originárias. Se acaso se perde a raiz originária se perde também o sentido último da existência humana dos povos indígenas. Isso acontece porque é próprio da voz-práxis indígena contemporânea não somente se dar a conhecer, mas também a numa atitude decolonial demarcar novos espaços, que agora não são mais territoriais somente, mas agora são de cunho de uma demarcação de ambientes virtuais.

Novos espaços requerem novas atitudes, geralmente atitudes inovadoras que venham a cativar e abarcar o maior número possível de seguidores, essa é a tendência do momento, o que não quer dizer que a partir disso seja necessário o abandono das tradições.

Eu sou Kaká Werá Jecupé. Um txukarramãe. Um guerreiro sem armas. Nós, das nações indígenas, somos os guardiães da Terra. Anos atrás, minha tribo foi dizimada por seres em busca de ouro e território. Restou eu e minha avó. E durante todo esse tempo tem havido em muitos lugares do país gestos iguais a esse. E mesmo além de meu povo, além desses tempos, muitos outros foram dizimados. Se nós fossemos responder com a mesma ignorância, a Terra não existiria mais. Os chamados conquistadores exterminaram os incas, escravizaram negros e produziram holocaustos. A Grande Mãe recebe vossos atos diretamente no ventre, e nunca deixou de gerar recursos: seja para o prédio que a civilização constrói, a tecnologia que fabrica, ou a oca que nós fazemos. A Grande Mãe sente a civilização pisando sobre ela. Um índio não pisa na terra. Um índio toca a terra. Um índio dança sobre o chão agradecendo sobre todos os seres da terra, da água, do ar e do fogo. Um txukarramãe faz a dança da vida unindo o pé do real e o pé do sonho na mesma direção, no caminho do sol. Para um txukarramãe, as más pegadas, uma vez feitas, não são más pegadas, quando deixam vestígios, deixam lições. As boas, norteiam. A sociedade chamada civilizada se acha tão inteligente e repete milenarmente seus piores passos, suas piores danças. Chega de ignorância! Chega de holocaustos! Chega de massacres! (JECUPÉ, 2002, p. 78-79).

Essa fala de Kaká Werá revela não somente uma cosmovisão, mas também sua percepção de pertencimento em relação a sua existência neste plano terrestre de forma que todo aquele que faz uso de sua escrita capta a mensagem de que, de fato, existe uma epistemologia completamente diferente da estipulada pela consciência ocidental. Neste contexto o ser humano é entendido como aquele que não pisa, mas toca afetosamente, portanto, se insere no plano da relação intrínseca com a realidade e não em uma forma de pensamento que separa o ser humano da natureza como havia pensado filósofos como René Descartes e Francis Bacon. Deste modo fica compreendido que a existência do ser humano está profundamente ligada à realidade que o cerca. Não é possível separar o ser humano da natureza sem que isso venha a trazer consequências fragmentárias que tornam o humano insensível pela ausência de vínculo com seu eu mais profundo que está e deve permanecer ligado às expressões da fauna e da flora.

Indiscutivelmente se faz necessário todo um rigor metodológico-científico no desenvolvimento de quaisquer projetos científicos e isso é importante para que as pesquisas avancem. Porém, não se pode esquecer que é constitutivo do ser humano a dimensão transcendente, ou seja, aquela dimensão que aspira por coisas mais elevadas e espirituais que geralmente estão ligadas às suas divindades bem como a natureza enquanto tal.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após este percurso decolonial por caminhos de saberes outros que se colocam diante de nós, conclui-se a relevância que ganha a literatura indígena brasileira contemporânea para a formação de uma consciência crítica em nossa sociedade.

Seu estudo e aprofundamento por via da pesquisa e do cruzamento de fontes é indispensável para que pensar outras epistemologias que estão presentes nos diferentes povos originários indígenas brasileiros contemporâneos.

Se pode afirmar também que a superação do império cognitivo da modernidade só será superada com atitudes decoloniais como o desenvolvimento de uma educação que prima pela humildade epistêmica de seus formandos possibilitando assim que os mesmos tenham liberdade e sensibilidade para perceber estes universos outros das tradições ancestrais e que podem exercer influência benéfica por sobre a realidade da sociedade brasileira. Até porque a figura do indígena não é uma figura do passado, mas sim é um ser humano vivo e atuante do presente que tem capacidade de se adaptar perfeitamente à realidade.

Se pode citar como exemplo dessa capacidade de adaptação o fenômeno da transição da palavra falada, ou seja, das tradições ancestrais, de seu modo de vida e concepção de mundo que chega às prateleiras de nossas livrarias, nos nossos dispositivos digitais através da fixação dessa

palavra falada para a palavra escrita. A passagem da oralidade para a literatura, feita por escritores indígenas, revela voz-práxis-política em defesa das culturas originárias, na preservação das tradições, na proteção da natureza e na preocupação com a possibilidade de aniquilamento da humanidade pela falta de cuidado com o meio ambiente.

Como vimos, as novas gerações dos povos originários têm se apropriado destes espaços e exercido uma espécie de demarcação destes locais para que com seu poder, autoridade e autenticidade de seu lugar de fala possam requerer o que tem de direito.

Aqui em Rondônia, por exemplo, a etnia Uru-Eu-Wau-Wau faz uso da tecnologia no combate as ameaças da grilagem de terras e a extração ilegal de madeira, com a ajuda de drones. Mas este não é um espaço que foi cedido de boa vontade por alguma legislação.

Este espaço demarcado pelos indígenas das novas gerações é palco de luta muitas vezes em que têm que se colocar para que de fato possam exercer seu poder de fala e através deste mesmo lugar de fala possam eles mesmos serem os autores e protagonistas de suas histórias mesmas sem depender de algum tipo de tutela estatal ou estatutária.

Essa plataforma literária de enfrentamento faz parte da cultura dos povos originários, onde temas comuns como suas histórias ancestrais, ou numa linguagem ocidentalizada, as mitologias, que são contadas e recontadas sejam da sua própria cultura seja de outras culturas originárias estão presentes.

Em suma, os povos originários estão escrevendo e reescrevendo sua própria história o que é muito importante por ser um momento histórico em que não são mais escritos e descritos por terceiros, mas agora o fazem por si mesmos. Seu valor reside no fato de ser escrita por indígenas que dentro de sua existência possuem uma experiência existencial profunda com suas tradições e também com movimentos que lutam pela emancipação de seus povos e a garantia de seus direitos. Por isso é fundamental a todo instante conceder o reforço positivo de que essa literatura é uma literatura indígena e não é, portanto, como outra literatura qualquer.

## REFERÊNCIAS

CADOGAN, León. Ayvu Rapyta – Textos Míticos de los Mbyá-Guaraní del Guairá. Boletim N° 227/antropologia n° 5. São Paulo: USP – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1959.

DANNER, Fernando; DANNER, Leno Francisco. Descentramento, Crítica e Transformação: uma história da modernidade a partir da descolonização africana e do pensamento indígena. *Philosophos - Revista de Filosofia*, Goiânia, vol. 26, n° 1, pg. 147 a 196, 2021. DOI: 10.5216/phi.v26i1.67351. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/philosophos/article/view/67351>. Acesso em: 26 ago. 2022.

DANNER, Leno Francisco; DANNER, Fernando; DORRICO, Julie. A ALTERIDADE NA LITERATURA: Da voz-práxis Da Diferença como Literatura – O caso da Literatura Indígena Brasileira Contemporânea. *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 14, n° 2, p. 360, 2020. DOI: 10.22456/1982-6524.105664. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EspacoAmerindio/article/view/105664>. Acesso em: 27 jul. 2022.

DANNER, Leno Francisco; DORRICO, Julie, & DANNER, Fernando. Decolonialidade, Lugar de Fala e Voz-Práxis Estético-Literária: Reflexões desde a literatura indígena brasileira. *Alea*, vol. 22, n° 1, pg. 59 a 74, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/alea/article/view/33525>. Acesso em: 13 set 2022.

DANNER, Leno Francisco; DORRICO, Julie, & DANNER, Fernando. Literatura indígena entre tradição ancestral e crítica do presente: sobre a voz-práxis indígena em termos estético-literários. *Scripta*, vol. 24, n° 50, pg. 205 a 256, 2020. Disponível em: <http://doi.org/10.5752/P.2358-3428.2020v24n50p205-256>. Acesso em: 15 nov 2022.

DANNER, Leno Francisco; DORRICO, Julie. Literatura de Minorias como crítica do presente e politização radical: reflexões sobre a literatura indígena brasileira. *Revista Crioula*, [S.l.], n° 21, pg. 197 a 233, 2018. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/crioula/article/view/143341>. Acesso em: 15 nov 2022.

DUSSEL, Henrique. 1492 O Encobrimento do Outro – A Origem do Mito da Modernidade. Petrópolis: Vozes, 1993.

HABERMAS, Jürgen. Teoria do Agir Comunicativo I – Racionalidade da Ação e Racionalização Social. São Paulo: Editora WMP Martins Fontes, 2012.

JECUPÉ, Kaka Werá. A Terra dos Mil Povos – História Indígena brasileira contada por um índio. São Paulo: Peirópolis, 1998.

JECUPÉ, Kaka Werá. O Trovão e o Vento – Um caminho de evolução do xamanismo tupi-guarani. São Paulo: Polar, 2017.

JECUPÉ, Kaka Werá. Oré Awé Roiru'A Ma - Todas as vezes que dissemos adeus. São Paulo: TRIOM, 2002.

KRENAK, Ailton. A Potência do Sujeito Coletivo – Parte I [entrevista concedida a Jailson de Souza Silva]. *Revista Periferias – O paradigma da potência*, p. 1-21, v. 1, n.1, 2018. Disponível em <http://revistaperiferias.org/materia/a-potencia-do-sujeito-coletivo-parte-i/>. Acesso em 30 ago 2022.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. A Queda do Céu – Palavras de um Xamã Yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MUNDURUKU, Daniel. Memórias de Índio – Uma quase autobiografia. Porto Alegre: Edelbra, 2016.

TUKANO, Álvaro. Doéthiro e os séculos indígenas no Brasil. Porto Alegre: Karioka, 2014.

WWF-Brasil. Indígenas Uru-Eu-Wau-Wau Aprendem a Usar os Drones na Defesa de seu Território. Youtube, 03 de set de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=r47Ba37npC8>. Acesso em: 24 out 2022.